A ESTRANHEZA MNEMÓNICA: DESENHOS DE CATARINA PATRÍCIO

 Nós humanos somos, inevitavelmente, as nossas memórias, tanto pessoais como colectivas. Nietzsche contrastou esta condição com a dos animais, aparentemente aliviados das suas histórias individuais ou tradições culturais e históricas. Acima do desenho de uma máquina de escrever está a inscrição “Consigo recordar absolutamente tudo, meu jovem. Essa é a minha maldição”. E abaixo lemos “É das maiores maldições jamais infligidas à espécie humana. A memória”. Sombras de “Funes, o memorioso” de Borges. Como muitas das imagens de Catarina Patrício, o seu desenho recorda um marco visual da nossa memória cultural enquanto questiona essa faculdade de assinatura. As palavras são ditas no icónico filme de Orson Welles Citizen Kane, que é uma demanda para destilar a verdade sobre o seu personagem epónimo através das recordações de múltiplos sujeitos. Apesar da confiança desta testemunha, o notoriamente labiríntico e multi-perspectivo filme deixa aos espectadores intrigar-se com os seus enigmas – ou talvez para saborear as ambiguidades da memória, a sua différance? O papel em branco na máquina de escrever poderia lembrar-nos que Platão perguntou se a própria escrita seria um mau substituto para a memória e o pensamento activos. A cena dos chimpanzés em redor da estátua de um menino que urina (lembrando-nos Bruxelas e a UE?) evoca parodicamente a nossa memória de outro filme inesquecível, o 2001 de Kubrick. Ali um misterioso plinto suscita no macaco o uso de ferramentas que eventualmente leva à evolução humana e às viagens espaciais; aqui os chimpanzés ficam fascinados com a oportunidade de desfrutar de um golden shower. Serão os futuros senhores da Terra astronautas aventureiros ou burocratas pervertidos? A memória é afirmada em “Ainda a Origem do Mundo”, a astuta homenagem de Catarina Patrício a Courbet, e que toca em Magritte. “ISTO NÃO É KANT” adverte-nos contra a redução vulgar ou a sobre-teorização associada à fetichização do quadro pelo psicanalista Jacques Lacan, que ele escondeu sob o ecrã de outro. A maior parte dos desenhos de Catarina Patrício são mais difusos do que os stills a que se referem, lembrando-nos, como Freud bem sabia, que a memória e o sonho estão mais próximos do que o nosso orgulho acordado deseja admitir.